

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	16.º Anno — XVI Volume — N.º 526	Redacção — Atelier de Gravura Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. torte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	I DE AGOSTO DE 1893	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável, Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



«FLOR DE LA MAR» projecto do sr. Antonio Augusto da Costa Motta — 1.º Premio
MONUMENTO A AFFONSO D'ALBUQUERQUE
 (Copia de uma photographia do sr. Camacho)



CHRONICA OCCIDENTAL

Acabo n'este momento de passar pelos olhos um livro que os editores Tresse e Stock publicaram ha semanas em Paris e que ha dias anda ahí pelas vitrines dos nossos livreiros.

Intitula se o livro *Les Etoiles en voyage*, e é firmado pelo impresario Schurmann, que Lisboa conheceu muito em tempo, que lhe trouxe cá pela primeira vez a Sarah Bernhardt, a Patti, a Chamnont, o Dupuis, e que deu muito que fallar de si aqui por causa d'uma historia qualquer de condecoração, que não me lembro já o que foi, mas sei que houve.

Li o livro do sr. Schurmann d'uma assentada, não porque elle seja litterariamente muito interessante, mas porque é muito pequeno — as suas 200 paginas são feitas á custa d'um typo muito largo de interlinhas, de espaços e de paginas em branco — e porque falla de artistas muito nossos conhecidos, a Patti, a Sarah, e o Coquelin.

E se esse livro, que não é evidentemente um bom livro nem tão pouco uma boa acção, não nos merece muita fé por causa do azedume, que transborda de cada pagina, principalmente das que se referem á Patti e ao Coquelin, porque a Sarah Bernhardt é a menos beliscada por Schurmann, a que lhe merece mais consideração como artista e como mulher; tem comtudo umas notas curiosas para nós e umas anedoctas, que apesar de não serem bem contadas teem sua graça e nos desvendam certos mysterios dos bastidores das celebridades mais gloriosas do fim d'este seculo, cujas viagens triumphaes veem ainda, ao cabo de dois seculos e meio, accrescentar uns capitulos engraçados de *Roman Comique* de Scarron.

É por nos parecerem curiosas essas anedoctas e essas notas vamos dar algumas d'ellas aos nossos leitores.

Principiemos pelas cifras:

A *tournee* da Patti com o Schurmazn — *tournee* durante a qual veiu a Lisboa — foi de 5 mezes, e as receitas maiores que fez foi em Paris, mais de 50 mil francos por noite, Barcelona, Valencia e Lisboa e foi em Lisboa que a celebre diva deu maior numero de espectaculos — 8, nos dias 27 e 30 de março, 2, 5, 8, 12, 15, e 17 de abril de 1886.

Em Barcelona a Patti deu só 4 recitas, 4 em Bucharest, 3 e n Vienna, 3 em Paris, 2 em Nice, 1 em Valencia, 1 em Buda Pesth e 1 em Praga.

As 8 recitas da Patti em S. Carlos produziram 232,298 francos, (41:813,640 réis) o que dá a media de 29,039 francos por espectaculo, ou seja réis 5:226,5660.

Devem confessar que esta media é muito bonita para Lisboa. Manter 8 recitas da Patti, quasi a seguir, a 5:200,000 a recita foi proeza que só Lisboa fez n'essa *tournee* da diva.

Ha dias admiraram-se muito os jornaes pela recita de beneficio da illustre actriz Rosa Damasceno no Rio de Janeiro ter produzido 8 contos de réis fracos, isto é, menos de 2 contos de réis da nossa moeda.

O que vem a ser isso comparado com os 5 contos e duzentos que durante 8 espectaculos Lisboa deu á Patti?

A sua parte, durante toda a *tournee* e além de despesas de viagem, e de hotel, a Patti ganhava por noite, que abria a bocca, fosse para cantar uma opera, fosse para trinar uma valsa, a quantia de 10:000 francos (1:800,000).

A respeito da vida intima da celebre diva o livro de m. Schurmazn dá-nos alguns pormenores curiosos, a começar pelo da tisana purgativa de pés de cereja, que a famosa cantora toma todas as noites que tem espectaculo, tisana que forneceu ao auctor do livro uma anedocta, que só se poderia contar em pleno carnaval.

No dia em que canta a Patti nunca ensaia no theatro, embora nunca tenha cantado com os artistas com quem tem que representar á noite.

As 11 horas da manhã o regente d'orchestra é recebido pela diva, que não lhe dá uma unica palavra, para não estragar a voz, e o tenor Nicolini é quem indica ao regente os movimentos dos acompanhamentos e os cortes a fazer na parte que sua esposa canta, cortes que apanham quasi sempre um terço, pelo menos, do seu papel.

Em seguida a Patti toma um caldo, vae dar um passeio d'uma hora em carruagem, recolhe ao hotel, deita-se até ás 5 horas, janta e vae para o theatro onde continua a não fallar a pessoa alguma, para não estragar o seu thesouro.

Nos dias em que não canta, a *diva* levanta-se ás

11 horas, almoça, passeia de carruagem e a pé, ás 5 horas e meia faz a sua *toilette* de jantar, *toilette* em forma, porque á mesa da Patti ha *toilette* obrigatoria: para senhoras, vestido decotado e manga curta, para homens, casaca e gravata branca. Depois de jantar partida de bilhar. A Patti é uma jogadora de bilhar de primeira ordem; não viaja nunca sem um bilhar especial que faz parte da sua bagagem e que monta apenas chega a qualquer hotel. Desde o jantar até ás 10 horas, hora em que se recolhe ao quarto, a Patti joga, cantolando a cançoneta em voga ou trauteando de caçoade a musica de Wagner que ella detesta.

Agora historias da Patti:

Depois de estar em Vienna e já estar aberta e coberta a assignatura em Bucharest, a Patti declarou terminantemente que não ia, que estava muito frio, que o caminho era todo coberto de géllo, e que não estava para ir ganhar a morte a Bucharest.

O Schurmann que tinha já recebido o dinheiro das assignaturas ficou anniquilado. Ter que restituir o dinheiro! ? antes a morte!

De repente teve uma idéa e escreveu ao seu secretario, que tinha ido adiante para Bucharest. «Custe o que custar quero uma ovação na gare de Bucharest pela nobreza italiana. Mande-me o seguinte telegramma. «A nobreza italiana e roumaica prepara recepção grandiosa m.^{me} Patti. Ministerio será representado Trenós, archotes, musica. Mande telegramma hora chegada.»

O secretario cumprio as ordens e Schurmazn foi mostrar á Patti o telegramma de Bucharest.

A diva corou, empallideceu durante a leitura e perguntou logo:

— Quando partimos? Que gente encantadora, a de Bucharest!

— Amanhã pela manhã, se sempre quer lá ir.

— Está dito, amanhã pela manhã.

Partiram e quando chegaram á estação de Bucharest estavam na gare 60 figurões de casaca e gravata branca, esperando a diva, a pé firme apesar do frio enorme que fazia.

De todos os lados choviam flôres, fluctuavam bandeiras, innumeradas archotes illuminavam a gare e que uma banda de musica, tocando os hymnos e cantos nacionaes, dava um ar festivo.

— Saúdo-a em nome da nobreza, do meu paiz grande artista! disse á Patti um ujeito velho, no mais puro etabana.

A Patti agradeceu com voz commovida, sobe para o *trenó* no meio d'uma explosão de applausos e de aclamações e entra na cidade escoltada pelos 60 fidalgos.

Os vivas redobraram d'intensidade á porta do hotel.

O Schurmann entrou atraz da diva e disse ao seu secretario que subisse tambem.

— Não posso.

— Porque?

— Estou de guarda ás minhas casacas; são muito capazes de se safar com ellas.

— São capazes quem?

— Estes fidalgos!

— Quaes fidalgos?

— Os que o sr. me encommendou para a recepção festiva feita pela nobreza italiana! Aluguei todos os limpa-chaminés e pedreiros italianos que encontrei, a 2 francos por cabeça, e as casaca a 5 francos cada: comprei gravatas e luvas brancas, ao todo 320 francos!

Em Barcelona deu-se com a Patti uma scena quasi identica.

O tenor Stagno era a estrella da companhia do theatro, e entre essa estrella fixa e a estrella volante Patti, houve logo desaguisado.

Stagno não quiz cantar a *Traviata* com a Patti, porque n'essa opera tinha tido, dois mezes antes, um enorme successo o Gayarre. A Patti não desistiu da *Traviata* e cantou a com Nicolini. Stagno mandou dar aos dois uma pateada e d'ahi grande escandalo no theatro, e furia da Patti, que declarou terminantemente não cantar mais em Hespanha.

Novos terrores do empresario e novo *truc* da mesma familia do *truc* de Boucharest.

Schurmann vae ter com um amigo cujo pae estava relacionado com as primeiras personalidades aristocraticas, politicas, scientificas e litterarias de Barcelona e pede-lhe alguns bilhetes de visita d'essas pessoas.

E no dia immediato a Patti recebia uma avalanche de bilhetes de visita das primeiras figuras de Barcelona, cada um com a sua phrase amavel.

«A primeira cantora do mundo — Rouxinol, não fujas — Patear a Patti é offender a Deus n'uma das suas obras mais perfeitas — A musica faz uivar os cães — Perdoe-lhe que elles não sabem o que fazem — Harpa celeste deixa-te ouvir mais uma vez — etc., e juntamente com estes bilhetes um diluvio de *bouquets* e de *corbeilles* de flores.

Schurmann entra então e participa:

— Os seus desejos são ordens. Está tudo prompto, partimos amanhã e não cantará mais em Hespanha.

— Está doido! Aquillo era brincadeira! Os meus patricios são muito gentis. Olhe.

E mostra os bilhetes que Schurmann tinha escripto e as flôres que elle tinha comprado.

E a Patti continuou a cantar e Schurmann a ganhar dinheiro.

A respeito da estada da Patti em Lisboa o empresario nota apenas as duas memoraveis noites do *Barbeiro* com a incomparavel execução de Rosine — Patti, Almaviva — Massini e Figaro — Cognito e a despeza fabulosa d'essas recitas, que montava a 26,000 francos cada uma e termina:

«Mais valia para a fria virtuose que se tivesse retirado com essa doce recordação em vez de ter fechado a sua *tournee* em Lisboa, com um fiasco lamentavel sob a *basquine* de Carmen».

*

Falta ainda a Sarah Bernhardt e o Coquelin e o espaço da chronica já acabou.

Fica para outra vez em que haja pouco assumpto como houve esta semana, que apenas forneceu dois acontecimentos, a inauguração do Museu industrial e agricola, inauguração que se deve estar realisando ás horas em que escrevemos e a morte do dr. Oliveira Valle um dos mais illustres advogados do nosso paiz, talento poderoso e espirito brilhantissimo, que deixa uma tradição gloriosa no fóro portuguez e uma saudade pungentissima e immoredoura, em todos que o conheciam.

Gervasio Lobato.

MONUMENTO A AFFONSO D'ALBUQUERQUE

Entre as disposições testamentarias com que falleceu Simão José da Luz Soriano, encontrou-se a de um legado de 30:000,000 para a construcção de um monumento ao grande Affonso d'Albuquerque.

Se outras causas não houvessem para engrandecer e respeitar a memoria de Luz Soriano, o auctor da *Historia da Guerra Civil*, bastaria aquella sua disposição testamentaria para lhe dar gloria e afirmar os seus elevados sentimentos patrioticos, encarregando-se elle, com o producto das suas economias, durante muitos annos de trabalho, de saldar essa divida que Portugal ha muitos annos devia ter pago ao glorioso vice-rei da India, que fundou o imperio portuguez do Oriente e encheu a historia patria de paginas gloriosas como ainda até hoje não foram excedidas, nem sequer imitadas.

Os sentimentos patrioticos de Luz Soriano, pagando pelo seu paiz aquella divida ao grande capitão das Indias, encontraram echo em corações portuguezes, porque á nobre e patriótica acção do benemerito testador, correspondeu a boa vontade e talento dos artistas nacionaes, que concorreram com os seus projectos ao concurso aberto para o monumento a Affonso d'Albuquerque.

Oito foram os projectos apresentados, cada um de seu auctor, pelo que oito foram os artistas, todos portuguezes, que correram ao apello que lhes fóra feito pela commissão do monumento, e que terminava com estas palavras: «..... a commissão dirige-se aos esculptores portuguezes com a convicção plena de que a inspiração do seu patriotismo, e o culto prestado á arte lhes farão desentranhar da mente creadora os moldes em que melhor se vase o bronze, e se cinzele o marmore destinado a reproduzir o vulto e recordar as façanhas e os actos do grande capitão.»

Não foi em vão que se fez o apello aos esculptores portuguezes, porque, em verdade, o concurso excedeu toda a expectativa, e os oito projectos apresentados todos estavam em perfeitas condições de concorrerem, todos affirmavam grandes progressos na arte nacional, todos revelavam talento nos seus auctores, e a memoria gloriosa do grande capitão, decorridos tres seculos, ainda inspirou briosamente os artistas, que a deviam eternisar no marmore e no bronze.

Em uma das salas da Real Academia de Bellas Artes, é que se fez a exposição dos oito projectos, que estiveram patentes ao publico por alguns dias.

Ali tivemos occasião de vêr os modelos dos monumentos, e a impressão que recebemos logo á primeira vista, foi muito agradavel alegrando-nos vêr aquella brilhante manifestação de talento dos nossos esculptores.

Patria é a legenda do modelo, primeiro que vamos apreciar. É seu auctor, segundo se verificou depois, o conhecido escultor sr. Rato. Este modelo consta de um pedestal quadrado encimado por uma cupula semelhante á da torre, que modernamente construíram nos Jeronymos. Sobre esta cupula a estatua de bronze de Affonso d'Albuquerque tendo a mão direita na espada e a esquerda segurando um mappa. Dos quatro angulos do pedestal saem quatro misulas que servem de base a quatro estatuas sentadas sob baldaquinos rendilhados.

As estatuas representam o Genio, a Força, o Valor e a Justiça.

Nas quatro faces do pedestal, mettidos em molduras, vêm-se quatro baixos relevos representando: Tomada de Malaca; Entrada de Affonso d'Albuquerque em Gôa; Destruição da armada do rei de Ormuz; Destruição de Malaca.

O monumento assenta sobre um plano guarnecido de uma balastrada aberta ao meio de cada um dos quatro lados, por degraus que dão accesso ao monumento.

Chamaram ao estylo d'este monumento, manuelino, e parece que foi essa a intenção do seu auctor, é preciso, porém, dizer que não a realizou, embora o conjuncto seja agradável á vista, com respeito á decoração, que quanto á forma tem bastante de tumular.

O sol nasce para todos é a legenda do modelo do sr. Leandro Braga e Gaspar professor da Academia. Compõe-se este na base de dois corpos ligados por gigantes que tem por remate as espheras armilares. Das faces lateraes saem prós de galeões e das posterior e anterior attributos de guerra e de marinha. Sobre esta base assenta o pedestal quadrado destacando-se na face anterior uma figura em bronze representando o Genio Nacional empunhando a bandeira portugueza. Sobre este pedestal ainda um plinto ornamentado em volta elevando-se dos angulos uma especie de corcheus. Nos apainelados d'este plinto lêem-se inscrições. Sobre isto ergue-se uma columna cercada de columnellos floreados e rematada por um capitel sobre o qual assenta a estatua do heroe em attitude nobre.

Parece que o auctor tambem quiz seguir o estylo manuelino, n'este seu projecto, mas, fazendo um conjuncto bonito, não lhe deu o cunho d'aquella architectura nem na parte decorativa nem na architectonica.

Sempre: ela patria é a legenda do projecto a seguir e que pertence ao sr. Pequito e Casimiro, architecto.

Não é facil classificar o estylo d'este projecto que entretanto tem muitas reminiscencias do monumento de D. Pedro IV em Lisboa. Base, pedestal e columna são muito semelhantes áquelle monumento, com a differença que as estatuas que n'aquelle estão sentadas, estão n'este projecto, em pé e representam o Patriotismo, a Perseverança, a Astronomia e a Navegação. Na columna, em canelluras, enrosca-se uma palma de bronze. A estatua corôa o monumento. Aos lados da base e sobre dois pequenos pedestaes descansam dois leões symbolos da força. Este projecto pareceu-nos o mais fraco de todos pela sua pouca originalidade.

O projecto que segue tem por legenda estes versos de Camões:

*Na luz que sempre celebrada e dina
Será da Egyptia Santa Catharina.*

É de uma grande simplicidade, ou quasi pobreza a architectura e decoração d'este projecto do sr. Alberto Nunes. Sobre um pedestal de quatro degraus o envasamento d'um plinto quadrado em estylo renascença muito singelo. Quatro baixos relevos preenchem parte das faces do plinto, representando: a tomada de Gôa; a tomada de Malaca; Affonso d'Albuquerque recebendo o embaixador da Persia, em Ormuz; o desembarque do cadaver de Affonso d'Albuquerque, em Gôa. São bem escolhidos estes factos historicos da vida do heroe e superiormente bem compostos estes quadros. A estatua que encima o monumento representa Affonso d'Albuquerque protegendo a India representada na figura de uma indiana que ajoelha a seu lado. A historia está n'e-te monumento perfeitamente estudada, mas a concepção artistica é que não tem o brilho e aparato que convem n'um monumento heroico, devido talvez ao receio de exceder o orçamento.

Ariareps Sotnas, legenda do projecto do sr. Pereira Santos que passamos a apreciar. É de bom

aspecto ainda que as boas regras de architectura não estão observadas com o rigor que é mister. Sobre uma base de degraus, um pedestal quadrado tendo em volta um baixo relevo de bronze, representando passagens da vida do heroe da India. Sobre a escadaria, e, em frente dos angulos do pedestal vêm-se peças de artilheria montadas. Do pedestal erguem-se quatro columnas em canelluras com suas bases e capiteis sobre que assenta um motivo architectonico com a estatua de bronze, em attitude espectacular, pondo uma perna sobre o globo terraqueo e apontando com o dedo para o ponto da Asia. Na frente do monumento e entre as columnas avulta a figura da Historia.

Portugal é a legenda com que o sr. Teixeira Lopes distinguíu o seu projecto, que consta d'uma columna bastante grossa assente sobre um pedestal simples e circundada por um grupo de figuras alegoricas, em alto relevo, grupo que tem as suas reminiscencias do grande arco da Estrella em Paris e do monumento de D. José I da Praça do Commercio, de Lisboa. É arrojada a concepção e impressiona, mas analysando-a serenamente, reconhece-se logo que não tem grande relação com o heroe a quem o monumento é dedicado. Completa este projecto a estatua muito baixa e obessa que pousa sobre a columna. Ha ainda aos dois lados do pedestal dois leões que descansam em seus plintos paralelepipedos. Uma cortina ameada fecha o recinto que figura a esplanada de uma fortaleza em que se ergue o monumento, apenas aberto na frente por uma escadaria que lhe dá accesso.

A patria honrae legenda do projecto do sr. Simões d'Almeida. A primeira parte do pedestal é toda revestida de pyramides quadrangulares semelhantes ás da Casa dos Bicos, que se diz ter mandado fazer o filho de Affonso d'Albuquerque á borda do Tejo, hoje Ribeira Velha. No segundo corpo que forma o pedestal de quatro faces, ha quatro baixos relevos representando: submissão de Ormuz; Conquista de Malaca; a morte de Affonso d'Albuquerque; e esta a moeda com que *El Rei de Portugal paga aos soberanos estrangeiros os tributos*, etc. Estes baixos relevos são mettidos em molduras muito semelhantes aos arcos que se vêem nos tumulos dos infantes, na Batalha, e com suas pilastras nos angulos.

Sobre este pedestal ergue-se um plinto ameado na parte superior e sobre este a estatua que é das mais bem feitas que se vêem em todos os projectos. Aos dois lados do pedestal estão dois grandes elephantes que fazem como que a guarda do monumento. A parte architectonica d'este projecto não é isenta de defeitos.

Flôr de la mar é a legenda do ultimo projecto que passamos a descrever e que pertence ao sr. Motta, um novo escultor que concluiu o curso ha dois annos, na Real Academia de Bellas Artes.

É de verdadeiro estylo manuelino, perfeitamente estudado e sentido. A base é de forma octogonal e n'ella principia logo o rendilhado d'aquelle estylo architectonico e decorativo. Este octogono tem quatro faces reintrantes e quatro salientes. Nas salientes assentam-se as figuras do Valor Militar, Patria, Politica e Justiça, todas com suas azas que ajudam a decorar e ligar o segundo corpo. Dos pedestaes em que assentam estas estatuas saem cabeças de elephantes. Neste corpo e nas suas faces reintrantes ha quatro baixos relevos que desenharam os seguintes quadros historicos da vida de Affonso d'Albuquerque: Os governadores de Gôa entregando as chaves da cidade a Affonso d'Albuquerque; Derrota dos mouros na ponte de Malaca; Affonso d'Albuquerque recebendo o embaixador do rei de Narsinga; *E' esta a moeda*, etc.

No segundo corpo vêm-se outros quatro baixos relevos representando naus e galeões alludindo á descoberta da India. Sobre este pedestal ergue-se como que uma columna formada por outras columnas em cordas e flôres sobrepostas, de puro manuelino, como se vêem nos Jeronymos, rematadas por espheras armilares. Coroando este conjuncto bello e harmonico a estatua em bronze de Affonso d'Albuquerque em attitude nobre e levantada.

Eis, em rapida descripção, os oito projectos de que a comissão teve que escolher um e premiar os dois seguintes mais votados.

Foi no dia 11 do mez que acabou que a comissão reuniu para effectuar a sua escolha, na Real Academia de Bellas Artes.

A sessão foi demorada, prolongando-se das tres e meia até ás seis e meia da tarde. Compareceram todos os membros, sendo seis da comissão testamentaria e tres representantes das sociedades scientificas. São os srs. conselheiro Barros Go-

mes, dr. Holtreman, dr. Hopffer, Annibal Campos, Costa Novaes e Antonio José de Seixas; Victor Bastos, da Real Academia de Bellas Artes; Sousa Monteiro, da Academia Real das Sciencias; Luciano Cordeiro, da Sociedade de Geographia de Lisboa.

A votação foi nominal e aberta, sendo todos os modelos approvados em merito absoluto. Em merito relativo teve o 1.º premio por unanimidade, o modelo cuja divisa é *Flôr de la mar*. É seu auctor o escultor sr. Antonio Augusto da Costa Motta. Canteiros, os srs. José Guilherme Correia & Irmão. Não recebe dinheiro porque o premio consiste, n'este caso, na adjudicação da construção do monumento.

O 2.º premio, 300,000 réis, foi concedido igualmente por unanimidade, ao modelo cuja divisa é *A Patria honrae*. É seu auctor o distincto professor de esculptura, sr. Simões de Almeida; architecto, o sr. Julio Cesar Bizarro.

O 3.º premio, 200,000 réis, foi tirado á sorte pelos modelos que tem estas divisas: *Portugal, Patria, O sol nasce para todos*. Coube a sorte ao primeiro, que é do escultor Teixeira Lopes e do architecto Marques da Silva.

São estes tres projectos que o OCCIDENTE hoje reproduz nas gravuras das paginas 169 e 172.

A decisão do jury foi bem recebida, em geral, pois o projecto preferido é aquelle que mais preferencias teve do publico que visitou a exposição, preferencias plenamente justificadas porque é o que reúne mais predicados que satisfazem ao fim a que é destinado.

Por fortuna a politica não se mettu n'este concurso, todo particular, e por isso a resolução do jury foi tão justa e independente, e pôde haver a confiança de que a obra vá em bem até ao fim para gloria da arte portugueza e dos homens que superintenderam n'estes trabalhos.

O monumento deve custar 34 000,000, aproximadamente a quarta parte do que custou o monumento de D. Pedro IV, de Lisboa, feito por conta do Estado, tendo este muito menos trabalho do que o que se vae agora fazer.

É destinado á praça de D. Fernando, em Belem, cujo nome nos parecia bem ser agora mudado para praça de Affonso d'Albuquerque.

Ficará collocado no lugar em que d'antes era o caes de embarque, e que hoje, com os grandes aterros que se estão fazendo nas obras do porto de Lisboa, fica mais de cinquenta metros a dentro da margem do rio.

C. A.



AS NOSSAS GRAVURAS

O VERÃO

QUADRO DE A. TRENTIN

Varios pintores antigos e modernos tem pintado alegorias ás estações do anno, em que affirmam os dotes da sua imaginação phantasiosa.

Conforme as epocas assim essas alegorias tem vindo desde as nymphas e deusas, mythologicas até ao prozaismo d'estes tempos, em que as alegorias já não tem aquelles ideaes poeticos d'outras eras e se contentam com sujeitos de casaca ou de blusa ou com as *toilettes* da ultima moda das damas mais ou menos gentis.

É assim que Trentin concebeu a sua alegoria do Verão, n'uma simples menina colhendo flôres no regaço ajudada por um pequenino amor que lh'as offerece, na mais innocente intenção, pois descança a seus pés a flecha e aljava, porque acha talvez ainda cedo para a ferir.

O conjuncto do quadro é gracioso e traduz bem a estação calmosa a que se refere.

A INDUSTRIA DAS RENDAS

Ao Ill.º Ex.º Sr. Dr. Jayme Mauperrin Santos

V

As rendas em Portugal. A escassez de subsidios para a sua historia. O folheto, raro, sobre as rendas de Peniche, publicado em 1865, escripto pelo benemerito Pedro Certantes de Carvalho Figueira.

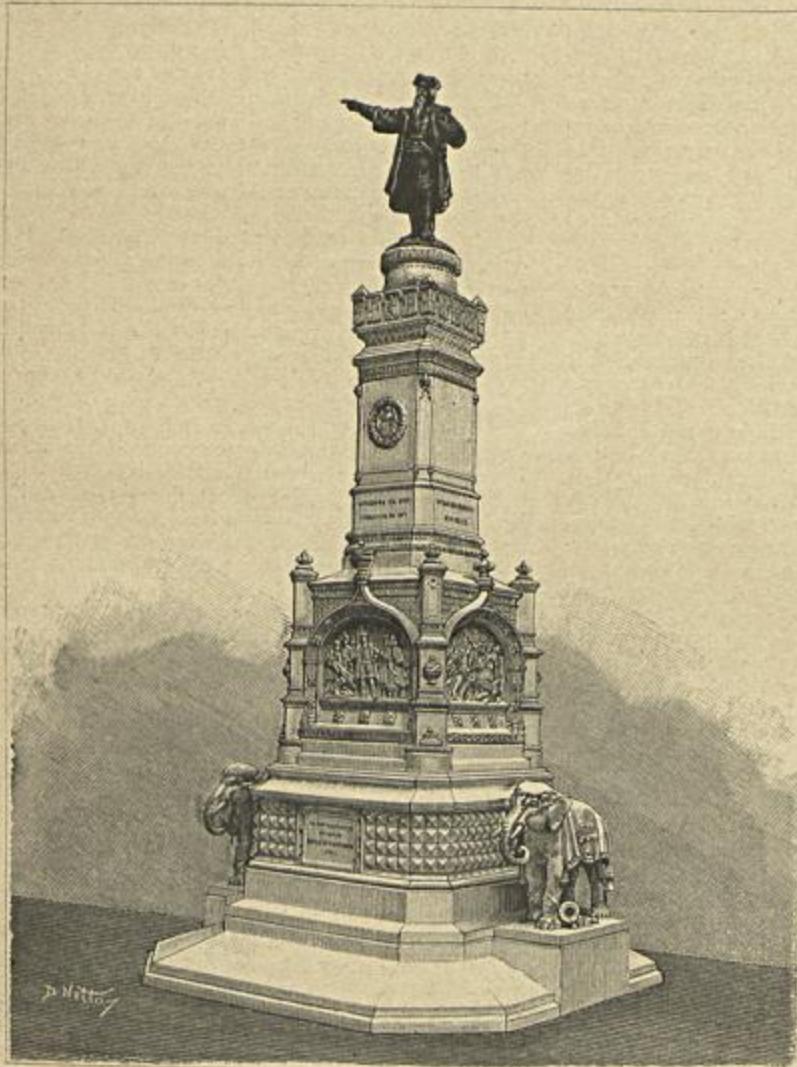
Somos chegados á parte verdadeiramente interessante, para nós, aquella, em que temos de tratar da industria das rendas de Portugal. Euscá-

mos e indagámos, mas, com pequena utilidade. D'alguns livros soubemos, tratarem, já accidentalmente, já demoradamente, d'este assumpto mas não nos foi facil, nem possível, consultal-os.*

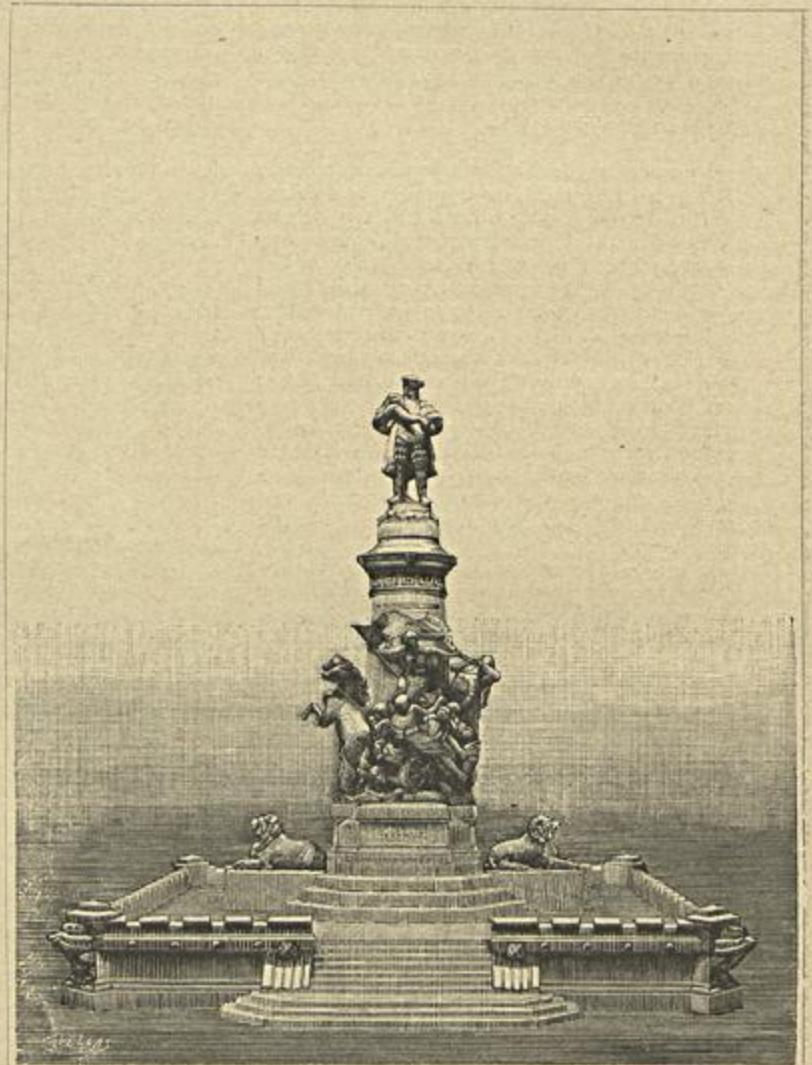
E, tambem, a bibliographia não nos falla em muitos trabalhos litterarios sobre a industria das rendas em Portugal. Comtudo, ha uma excepção honrosissima a fazer a um cavalheiro que escreveu um pequeno folheto, hoje tão raro que a Bibliotheca Nacional o não possui e o filho do proprio auctor tambem não. Foi impresso em 1865 e graças ao erudito senhor Joaquim de Vasconcellos, antigo e proficiente redactor da *Revista da Sociedade de Instrução* do Porto, nós encontrámos n'essa util revista, uma transcripção completa do rarissimo folheto, para nós tão valioso. Esse folheto trata das rendas e da pesca em Peniche, abstrahimos, pois, a parte da industria da pesca, que, por agora, nos não interessa.

taes, que custaram aos infelizes, que d'ellas tiram o pão quotidiano. Qual é a senhora elegante que adornando-se d'um mantelete ou vestido de rendas, pensou nunca no tecto humilde que as cobriu e na mulher pobre que as fabricou?... Que feliz desposada, contemplando as mimosas rendas do enxoval, imaginou sequer o tempo que levaram a uma infeliz fabricante e o mesquinho salario que por ellas recebeu?... Achando-se já publicadas curiosas noticias relativas á fabricaçãõ de diferentes artefactos e industrias do nosso paiz, seja-nos permittido juntar a esses bem elaborados trabalhos artisticos uma informação mal coordenada, posto que exacta, da industria e fabricaçãõ de rendas de Peniche, na esperança de que seja lida com interesse, por serem pouco conhecidos os uzos e costumes da gente que, n'ella se emprega, e possa concorrer talvez para levantar-a da deploravel decadencia e abatimento em que se acha.

da renda de seda preta denominada *Chantilly*, mas todas feitas á mão na almofada com bilros*. Pelo recenseamento da população de Peniche em 1862, que consultámos, deve esta villa conter 1:443 mulheres de todas as idades; deduzindo d'este numero a terça, que, ou por abastadas, por infantes ou por doentes, não precisam ou não podem fazer renda, restam 962, que se empregam constantemente no seu fabrico. Os utensilios que se empregam aqui para o exercicio d'esta industria consistem n'uma almofada, portatil, cylindrica, cheia de palha de trigo forrada ordinariamente de panno de linho ou de algodão de côr encarnada, perfurada de lado a lado por uma abertura tambem cylindrica; n'um cesto de verguinha, ou n'um banquinho pintado, que serve de pedestal á almofada; nos piques de cartão côr de açafraõ, ou moldes da renda n'elles riscada, e perfurados nos sitios em que se hão de armar os



«A PATRIA HONRAE» projecto do sr. Simões d'Almeida e Julio Cesar Bizarro, architecto — 2.º Premio



«PORTUGAL» projecto do sr. Teixeira Lopes e Marques da Silva, architecto — 3.º Premio

MONUMENTO A AFFONSO D'ALBUQUERQUE

(Copia de photographias do sr. Camacho)

Entretanto, primeiramente, devemos dividir Portugal em cinco *zonas rendíferas*, isto é, citar e tratar dos lugares em que se fabricam rendas com maior fama: Peniche, Olhão, Setubal, Vianna e Horta. Começaremos, pois, por Peniche e portanto falla o sr. Pedro Cervantes de Carvalho Figueira, auctor do pequeno livrinho que tem por titulo:

NOTICIA E INFORMAÇÃO
Á CERCA DO ESTADO ACTUAL (1863) DA INDUSTRIA
DAS RENDAS DE PENICHE

I

Os ricos e os opulentos, que se enfeitam com as obras mais delicadas da industria, não sabem muitas vezes de que tristes e humildes domicilios sahiram, e as vigalias penosas, e as angustias mor-

* Para o estudioso humilde ha, na Bibliotheca Nacional, tres especes de livros cuja consulta lhe é menos facil: os do gabinete do sr. Bibliothecario-mór, os reservados e os que estão fóra da leitura, alguns dos que desejavamos consultar e estudar, estavam, precisamente, n'estas tres divisões.

II

Por maiores diligencias que fizemos para descobrir algum documento que nos esclarecesse, sobre a época da introdução d'esta industria em Peniche não nos foi possível encontral-o. Recorremos depois ás informações de pessoas de idade avançada, mas não fomos mais felizes, porque nada sabiam com certeza. Apenas nos diziam que já suas mães faziam rendas, e umas senhoras, irmãs, que contam mais de oitenta annos cada uma, a quem perguntámos se alguns dos seus antepassados lhes fallava em rendas, responderam-nos: «Sim meu senhor; já nossa tia Francisca, irmã de nossa avó, nos mostrava piques de rendas, que tinha feito em menina.»

III

A natureza, recusando aos habitantes de Peniche as riquezas agricolas, forçou os a buscar meios de subsistencia na pesca, e no fabrico das rendas do genero *Honiton*, ou na imitação de *Gupure* e

alfinetes nos bibros e nos alfinetes que se contam sempre ás duzias, na linha de seda, de algodão ou de linho, proprio para a obra que se premedita; finalmente n'uma thezourinha bem amolada e n'uma medida de metro ou vara. O buraco ou a abertura da almofada serve para lhe introduzirem as mãos, quando a querem levantar, e tambem para n'elle guardarem a thezoura, a linha, os oculos da fabricante se é velha, e a caixa do rapé. Os bilros das mais pobres são de madeira de pinho, das que podem um pouco mais, pau do Brazil (melhores, por serem mais pesados) e algumas ha que os tem de marfim.

IV

As mulheres de Peniche teem um modo particular de se assentar diante das almofadas para o fabrico das rendas; é um habito que adquirem

* Esta nota já a escrevi n'outro lugar (mais a mais é errado o que ella diz). Trata da classificação das rendas



O VERÃO
QUADRO DE A. TRENTIN

desde a infancia, difficil para os outros individuos do seu sexo: encruzam-se á maneira dos turcos, ou como os antigos alfayates, e levantam-se d'esta posição sem apoio nem encosto, executando um difficil exercicio gymnastico. Apenas contam quatro annos, as creanças do sexo feminino são mandadas para a escola da renda; ha oito d'estas escolas em Peniche, regidas por mulheres que, além das rendas, ensinam outras prendas e tambem a ler e a resar; são as cazas ordinariamente ao rez do chão; vê-se alli a mestra encruzada diante da almofada tendo sempre junto de si uma longa canna; diante d'ella estão em fileira vinte ou mais raparigas, de costas para a mestra sentadas ás almofadas. A cada uma já foi destinada a empreitada ou tarefa que deve acabar n'um determinado espaço de tempo, e si d'aquella que falla com a companheira, que lhe fica proxima ou se distrahe; porque, se a mestra dá por isso lá vae a canna advertil-a; a victima chora, as outras raparigas riem até lhes chegar a sua vez de chorar. As mestras ganham muito pouco: 80 réis ou quatro vintens por mez é o mesquinho salario que cada discipula paga por aprender a fazer renda, mas se aprende a fazer outras prendas e a ler, este preço varia até 200 réis.

A troca, que é uma fita feita com quatro bilros, e a renda do ilhó, que emprega doze, é o A B C d'esta arte e assim se vão desembaraçando progressivamente, a ponto que, com o tempo, chegam a manejar com uma facilidade, dextresa e precisão, que admira e expanta, sessenta e mais duzias de bilros, mas é tal a força do habito adquirido desde tenros annos que aquelle trabalho se lhes torna quasi uma acção machinal, pois as vemos fallar, e dar attenção emquanto a executam, a objectos extranhos a elle.

V

Ainda na escola, já as mães d'estas raparigas lhes procuram rendeiros: rendeiro é um homem ou mulher que negocia em rendas e faz adiantamentos ás fabricantes, em dinheiro, em comestiveis e em artigos de vestuario sempre cotados em um preço exorbitante para receber em paga as rendas que vão produzindo: logo que os rendeiros tem reunido uma porção de rendas, entregam-na aos vendedores, que são outros homens ou mulheres que vão percorrer Lisboa, Porto, e outros sitios de concorrência, como Caldas, Figueira, praia da Nasareth, Foz do Douro, no tempo dos banhos. Estes vendedores ambulantes recebem 10 por cento de commissão de venda; mas como o negocio se baseia sobre a sua palavra e nas declarações que fazem quando regressam ha quem diga que tiram pelas rendas desforra dos comitentes, que são os rendeiros, sizando-os a seu turno. Além d'estas tres classes, fabricantes, rendeiros e vendedores, ha ainda uma certa classe que tira proventos da industria: são as *picadeiras*, mulheres que fazem o cartão e o pintam de côr de açafraão, riscam o desenho e picam ou perfuram as paginas ou moldes das rendas; este trabalho é mal executado havendo pouco gosto e menos variedade nos desenhos que, pela maior parte são copiados á vidraça. O preço que levam por preparar um par de piques varia segundo a largura e lavor da renda.

VI

Uma habil fabricante, trabalhando um dia inteiro, pode ganhar entre 60 e 100 réis. Vimos ha pouco uma guarnição para lenço, que o rendeiro vendeu por 4\$500, em que a fabricante empregou trinta dias e recebeu por elle 3\$000 em generos, comestiveis e vestuario pagando a linha á sua custa, outras fabricantes menos destras não chegam a ganhar tanto, e as creanças e as velhas ganham muito pouco, pelo que seria difficil, senão impossivel, calcular ou fixar a quantia a que se eleva esta industria. Calculam-na aproximadamente em 20:000\$000 o que nos não parece exorbitante.

VII

As rendas de Peniche concorreram ás exposições de Londres de 1851, á de Paris de 1855 e ás do Porto de 1857 e 1861. Na de Londres envolvidas com as rendas de Hespanha, com as quaes as agruparam, mereceram este cumprimento: *The exhibition of lace is limited, although there are some articles deserving notice from their richness and antiquaty.* A exposição da renda é limitada, ha comtudo n'ella alguns artigos dignos de noticia pela sua riqueza e antiguidade. Da de Paris, nada sabemos, porque nunca vimos o relatório do respectivo jury, porém em ambas as do Porto obtiveram a medalha de prata. Na de 1857,

diz um jury, referindo-se ás rendas de Peniche «por rivalisarem com os productos estrangeiros» e na de 1861 «por achar bem feitos e de bom gosto estes productos,» resultado assaz lisongeiro para uma industria que vegeta sem direcção, dispersa, entregue ao esforço proprio de individuos pobres e privados do estímulo do interesse, que tudo anima e vivifica.¹

VIII

Esta industria, estando sujeita á fluctuação e ao capricho dos consumidores, carece d'uma intelligente direcção, que espreite as exigencias da moda e procure mercados para os seus productos; para não perecer um dia e deixar no desamparo um milheiro de mulheres que d'ella tiram a subsistencia e cujos habitos caseiros e recolhidos desde a infancia as torna inhabeis para outro genero de vida. A direcção a que nos referimos é, nossa humilde opinião, que só se lhe poderia dar, por meio d'uma companhia que se encarregasse de escolher os desenhos das rendas, de adquirir as melhores linhas e sedas para a sua fabricação, de procurar mercados para ellas, de satisfazer em commendas por uma modica percentagem, em fim de velar pelo bem acabado dos artefactos.

Creada esta companhia, debaixo da sua acção benéfica e intelligente, desapareceria a classe dos rendeiros, resgatar-se-iam da sua tutela as pobres fabricantes passariam estas a ganhar o dobro do que actualmente ganham e se obteriam melhores productos; e a companhia repartindo com certeza um dividendo de 10 por cento de lucros aos seus accionistas no fim do anno, pelo menos, mudaria a sorte d'esta pobre gente, mas infelizmente não vemos na localidade quem tente esta empresa benéfica e patriótica, não porque falte aqui quem o possa fazer mas porque a isso se oppõem a rotina, o uso inveterado pelo tempo e os grandes lucros auferidos pela agiotagem, verdadeira peste das empresas uteis que sendo excessivos e vindo com pouco trabalho, atraem de preferencia os capitaes.

Peniche, 8 d'abril de 1863.

*

Pena foi que o auctor do folheto, que se acaba de ler, não chegasse a assistir aos triumphos das rendas de Peniche, nas diversas exposições que se seguiram. E, não só ás recompensas e elogios, mas tambem á protecção outorgada. No decorrer d'estes apontamentos teremos o seguinte thema: ainda as rendas de Peniche, subsidios encomiásticos e actual estado, fundação da escola, etc., de que foi directora proficiente a illustre e distincta artista portugueza a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Augusta Bordoal Pinheiro. E terminaremos, este pequeno estudo, com uma rapida revista, pois que, para mais, não encontrámos elementos, sobre as zonas rendíferas, que enunciamos.

Esteves Pereira.

A EXPOSIÇÃO DO «GREMIO ARTISTICO»

(Continuado do n.º 524)

A sr.^a D. Josepha Garcia Greno é uma artista festejada, muito conhecida pelos seus bellos quadros de flôres, e se as suas paisagens que este anno expõe se podessem medir com as flôres que sabe pintar, teria augmentado consideravelmente os seus creditos de pintora. Infelizmente não acontece assim e os seus quadros de paisagem deixam tanto a desejar como os seus quadros de flôres satisfazem perfeitamente.

¹ Se nos surpreendem os brilhantes artefactos dos estrangeiros, n'este genero de industria, não é porque tenham mais aptidão do que os nossos artistas, mas porque lá fora dão outra direcção ao trabalho. aproveitam melhor o serviço do obreiro e não regateiam meios para conseguirem a perfeição. No supplemento ao *Illustrated London News* de 18 outubro 1862, a pag. 428, que temos á vista vem o desenho d'um côrte de renda genero *Honiton*, que concorreu á ultima exposição de Londres, onde obteve muitos applausos pela sua belleza e grande perfeição. Devemos porém observar que o desenho o qual dizem fora delinado por uma rapariga de 18 annos e combinado por mão de mestre para produzir effeito), era lindissimo e bem assim que o preço cotado no dito côrte de renda que tinha 5 metros de comprido e 1,º3 de largo, era nada menos de 200 guinéus ou mais de 900\$000 réis na nossa moeda. Ora apresentem a uma das mais habeis fabricantes de Peniche um desenho como aquelle e a linha propria e ofereçam-lhe não diremos os duzentos guinéus

Flôres, illustre artista, é que deve pintar; estas agradecem-lhe muito mais os seus cuidados, dando-lhe mais triumphos como os que tem tido em outras exposições, onde as suas flôres tem sido devidamente apreciadas, ainda que n'esta não foi tão feliz, talvez porque descurasse um pouco os seus *Lilazes, Malvaesicos e Rozas* preocupada com as *Margens do Agueda* e as *Margens do Vouga* que afinal a não compensaram condignamente.

De todos os quadros o que mais nos agradou foi o *Rosas e malmequeres*.

E já que estamos fallando de illustres cultoras da arte notaremos um pequeno quadro *Bric à-brac* da sr.^a D. Adelaide Christina Camacho, discipula do sr. Gyrão, que mostra grande tendencia para a pintura minuciosa, observando e reproduzindo os objectos com uma paciencia chuneza, mas incomparavelmente com mais espirito e arte do que aquelle povo primitivo.

É possivel que cultivando a especialidade com menos preocupação e mais arte, possa triumphar d'este genero difficil e perigoso para quem aspira a ser artista.

Uma outra expositora D. Fanny Munró, apresenta um quadrinho *Estudo do mar* (Estoril) que tem effeito e qualidades apreciaveis, porque não podemos passar por elle sem reparo. Não é a primeira vez que esta illustre sr.^a expõe os seus estudos e notamos que de anno para anno realiza progresso nos seus conhecimentos de pintura.

E agora apontamos na nossa carteira um quadro *Logar de fornos da cal*, uma paisagem do sr. Antonio Ezequiel Pereira que segue de muito perto a escola do seu mestre Silva Porto.

Este quadrinho tem qualidades de tom muito distinctos procurando bem a verdade da natureza. O seu quadro *Inverno* é menos cuidado, sendo o verde da paisagem claro de mais o que desafina.

Uma onda é o titulo de um quadro do sr. Arthur Prat e nós defrontamos com uma tela de soffríveis dimensões onde procuramos a superioridade d'aquella onda que inspirou o artista, mas não está lá.

É possivel que o artista a tivesse no espirito; no quadro é que ella não está!

Isto de pintar uma onda tem que se lhe diga, e, ou se pinta com uma superioridade e sentimento que impressione quem a vê, ou não se pinta nada.

Tambem pouco feliz no seu quadro *Pensando n'elle* O desenho da figura, uma rapariga do campo que desfolha um malmequer, é muito redondo e recorta-se muito seccamente sobre o fundo da paisagem, um campo verde muito amesquinhado com folhinhas, sem tom e sem perspectiva, mas que ainda assim entretem muito mais os olhos que o quadro *Uma onda*.

Se o sr. Prat continuar os seus estudos do natural, vindo com mais largueza e livrando-se da maneira que lhe atraiçoa os seus dotes de pintor, estamos certos virá a produzir obra muito apreciavel que o ponha mais a par da boa escola de pintura.

Seguindo os nossos apontamentos encontramos algumas notas sobre os quadros do sr. José Queiroz, que expõe nove telas, na sua maior parte paisagens, sendo só tres de natureza morta, bem melhores que as ditas paisagens.

D'estas a que mais nos agradou foi um pequeno quadro *Pateo no Alemtejo* que tem côr e perspectiva.

Os seus quadros de natureza morta, em que ha effeitos bem achados, como no quadro *Panella de folha*, tem toda a vulgaridade d'estes assumptos já sufficientemente estafados, em que é extremamente difficil encontrar novidade.

(Continúa)

Xylographo.

mas 100 libras, somma que fazia a sua fortuna, e verão, se ella as ganha.

Quando o imperador e a imperatriz dos francezes foram a Cherbourg em 1858, a camara municipal de Bayeux, por onde passaram, quiz que um magnifico specimen da importante industria das rendas, que é o orgulho da referida cidade, fosse offerecida á imperatriz Eugenia, como expressão da respeitosa sympathia do paiz. e para esse fim mandou fazer uma porção de rendas. Entre ellas havia um lenço que foi reputado o *nos plus ultra* da perfeição na industria das rendas, era de tal delicadeza—que tudo se resume n'estas palavras—a linha que serviu para o confeccionar foi paga a 650 francos o hectogramma, ou 6500 francos o kilogramma. A produção de uma peça tal, digna na verdade de uma imperatriz, exigiu o trabalho assiduo de oito mulheres quasi durante um anno e por isso diz-se, com razão, que era uma obra de fadas!... Quem duvidar veja a *Illustration Française* de agosto de 1858, a pag. 136.



REVISTA POLITICA

Com o encerramento das camaras ficou a politica ás moscas e se não fosse o estafado caso de Badajoz, os jornaes não teriam assumpto para os seus artigos de fundo, virando e revirando por todos os lados a questão, descobrindo de cada vez uma nova phase, como a que descobriu agora, de que os republicanos não deviam occupar logares no funcionalismo official.

Esta novidade encontrada pelos jornaes monarchicos é d'aquellas que estão a pedir cinco réis.

Vão perguntar á França se ella tem ou quer lá funcionarios monarchicos a tratar dos seus negocios officiaes.

Não os quer nem por mais encapotados que elles sejam, porque emfim seguem aquella maximo de «quem não é por mim, é contra mim» e os seus governos ainda tem a força e a moralidade, precisas para fazer frente ao inimigo e o conter no devido respeito.

Entre nós dá-se exactamente o contrario. Quando o inimigo apparece, por mais irrisorio que elle seja, por mais convencionaes e industriosas que sejam as suas opiniões ou ideas politicas contrarias ás instituições, trata-se de o contentar com alguma benese, e se o sujeito é simplesmente um especulador alcança assim o premio da sua especulação, se é um sincero, um convicto, corrompe-se, desmoralisa-se e entra para o pagode geral.

E tudo isto se faz, porque afinal tão inimigos das instituições são os monarchicos que as exploram e as arruinam, como os republicanos que as querem tambem explorar, principiando por conspirarem contra ellas.

Aquí ha tempos um operario dirigiu-se a casa d'um alto personagem da politica e com a mais resoluta intimação disse-lhe que lhe desse para ali dinheiro ou que o matava, exactamente como um saltador de estradas.

Os jornaes deram noticia do caso, dizendo que o tal operario era um doido, mas o alto personagem deu algum dinheiro ao homem para se ver livre d'elle no momento, e depois, em vez de dar parte á policia do attentado de que ia sendo victima e requerer o castigo do delinquente, arranjou-lhe uma boa collocação.

Porque seria?!

Para isto só ha a resposta que um pobre homem, nos deu uma vez a uma pergunta que lhe fizemos sobre um negocio vulgar, mas pouco correcto, como agora se diz.

— Senhor ha coisas que não se podem explicar e outras que não tem explicação.

Por mais extranho que pareça o modo como encaramos ou apreciamos a discussão agora levantada a respeito de funcionarios republicanos, é, no entanto, uma verdade que tem a sua origem na corrupção em que tudo isto vae, porque casos como o que acima citamos não é singular e antes pelo contrario se succedem, embora por diversos meios, mas que todos tem o mesmo fundo e miram ao mesmo alvo.

E' a corrupção em toda a linha, explorando-se remechendo e chafordando no mesmo atoleiro sem que de lá possa sahir ninguem limpo.

Dissémos que o estafado caso de Badajoz é que está dando ainda assumpto para os artigos de fundo e, no entanto, outros assumptos havia que mais deviam interessar esses artigos, como seria a nova lei de contribuição industrial, que foi votada de afogadilho pelas camaras com todos os defeitos que a celeridade com que foi feita lhes deixou, e a nova lei do sello que é uma verdadeira rede de arrastar que tributa desproporcionadamente mais o pequeno commercio de que o grande.

Tem sido este o erro de todos os governos o agravarem os impostos ou criarem outros novos sem tratarem seriamente de fiscalisar e arrecadarem os existentes.

O resultado é que esses impostos chegam a opprimir a tal ponto o contribuinte que não tem artes de se furta-los, que lhe aniquillam a sua industria ou o seu commercio, diminuindo, portanto, a materia collectavel.

E não é coisa indifferente, n'um paiz como o nosso, matar qualquer industria por insignificante que ella seja, n'um paiz em que a matoria das suas industrias é vacilante, faltando-lhe a rebustez que só o tempo dá como a arvore que leva muitos annos a criar antes que fructifique e dê basta sombra.

A protecção que n'este paiz se deve a industria,

deve estender-se a mais alguma coisa que criar materia collectavel para o Estado; é preciso fazer d'ella, como em toda a parte, a principal força da nação, deixar de ser uma coisa em que só as classes mais rudes ou mais desfavorecidas se empregam, para ser um campo aberto a um maior numero de individuos convidados pelas vantagens que ella lhes offereça.

Só assim se poderá ver, n'este paiz, a ambitionada manga de alpaca substituida pela desdenhada blouse. Só assim se desviará essa nefasta corrente do emprego-mania, n'este paiz da laranja, para o campo das artes e das industrias em que a actividade de uma duzia de blusas vale mais para a riqueza do paiz que todas as mangas de alpaca juntas.

Este e só este é o nosso mal, n'este paiz, que deixou de ter frades para ter legiões de funcionarios officiaes, como ainda não ha muitos tempos disse no parlamento um ex-ministro da fazenda, o sr. Marianno de Carvalho, se a memoria não nos falha.

E é tal a mania do emprego official, que, não obstante uma grande parte do funcionalismo official levar uma vida cheia de difficuldades, de privações até, pela exiguidade dos seus ganhos, ainda não deixou de haver centenas de pretendentes á vaga do mais insignificante logar, tendo-se quadruplicado o numero de empregados para dar umas miseraveis migalhas á cohorte de famintos que só na meza do orçamento vê o seu salvaterio.

Ainda não ha muito soubemos d'um caso curiosissimo que define esta mania ou denuncia a mandrice que sob ella se acoita.

Tratava-se de um artista que trabalhava em uma officina particular onde aufferia por mez uns setenta a oitenta mil réis.

Este artista foi trabalhar pela sua arte para uma repartição do Estado, em emprego que elle requereu com grande empenho, e cuja retribuição é de trinta mil réis por mez.

— Então você deixa de ganhar setenta mil réis para ir ganhar trinta.

— E' verdade, respondeu elle, mas que quer. Ali tenho aquelle ordenado certo e o futuro mais seguro, e além d'isso eu para ganhar cá por fóra os setenta mil réis ou mais, precisava trabalhar, e agora ganho trinta mas não faço nada.

Oh! incomparavel mandrice nacional a quanto chegamos!

João Verdades.

A DANSA SERPENTINA

Todos os seculos são eguaes em annos, isto é logico, mas são tambem equivalentes em transformações conjunctas ao progresso. Assim, na dança, nos primeiros seculos, encontramos as dansas sagradas que são as mais antigas, e logo as profanas se lhe seguem.

David dansou deante da Arca; diz-nos a Biblia. A irmã de Moisés, segundo o que vemos nos livros santos, dançava muito bem. Sé nos voltamos para a mythologia depara-se-nos Therpsycore, a deusa da dança, criação gracil do espirito dos poetas.

A civilização no constante crear de necessidades, começou por dar e outhorgar á dança regras preceituaes que produziram por sua vez preconceitos e prejuizos. Os escriptores controversavam-se sobre diversos assumptos concernentes á dança e especialmente á utilidade d'esse exercicio gymnastico. Houve um que affiançou ser muito util; mas, conforme a constituição do dansarino; isto accrescentou elle, apoz as refutações d'um outro.

Vejam os mais, que os gregos tinham a dança como uma das prendas mais gentis, tanto que havia um compilamento de regras de bem dansar — *orkestiké*. Os italianos, os hespanhoes, os portuguezes, os francezes, são creadores de diversas dansas caracteristicas. a *tarantela*, o *salta-ello*, os *boleros*, os *fandangos*, as *seguidillas*, o *fado*, a *folia*, a *valsa*, a *polka*, a *mazurka*, etc.

Os selvagens não tem, verdadeiramente, dansas, mas sim, bailes, o *batuque* e tantos outros em que ha saltos e cabriolas.

Todas as especies de dansas enumerados e os *minuetes*, *schotish*, *sarrouge*, *imperiales*, *cotillon* e *lanceiros*, etc., etc., fôram apparecendo successivamente e marcando uma phase na choreographia. Essas phases, era justo que tivessem um complemento digno d'esta em que actualmte está a arte de Therpsycore e agora que existe a

successora á antiga *maladie du siècle*, a tal mania do *fin de siècle*, pois que, assim se denomina tudo quanto de notavel em todos os generos tem saído e sairá d'este escabujar em que derruem crenças, cujos montões de ruinas são novas construcções. Do cahos saiu a Terra, do escuro denso d'uma tempestuosa noite sae, tambem, ás vezes luz forte.



Fig. 1

No caminhar natural, n'este caso, não intermitente, isto é, referindo-nos á dança, appareceu o vertice que devia terminar a figura produzida pelas diversissimas especies de divertimentos gymnasticos chamados: bailes e dansas — a *dansa serpentina*.

Em Portugal diversas dansarinas tem apparecido como sendo a verdadeira auctora. A verdadeira chama-se Loie Fuller, e tem trabalhado, primeiramente, em Paris, e depois em Berlim.

Na capital da França esteve ella dando exhibições seguidas por mais de dois annos.

Em fins de 1892 um auctor francez, dos mais conceituados mas indiscreto, diz: «ouvi que mademoiselle Loie Fuller, antes de, assim, seduzir Paris, tinha servido de modelo a mais de um dos nossos mais celebres pintores. É bastante graciosa e... bonita para isso. O que é certo é que é uma das curiosidades actuaes.»

A *dansa serpentina* foi creada em Lisboa, no «Real Colyseu», por mademoiselle Geraldine, uma formosa gymnasta, que fez epoca, ha dois annos, no «Colyseu dos Recreios», e ajudada por sua irmã Gracie.

Alguns mezes depois veio para o «Real Colyseu» uma dansarina serpentina, que tinha o nome de Ida Fuller.

Ha alguns dias, debutou no bello theatro do «Colyseu dos Recreios» uma outra dansarina de nome Mabelle Stuart, americana, diz-se. Já não está em Lisboa; — o seu trabalho era apparatuso e cremos que o melhor que em Lisboa se tem exhibido.

Scientificamente a *dansa serpentina* pouco valor tem: applicação da luz Drummond, corada variegadamente.

Supponhamos um gabinete fechado, completamente ás escuras, e só aberto na frente. Aos lados, encobertos, estão montados algunsapparelhos de luz Drummond * tendo por alvo a dansarina. Variam rapidamente de cor, por meio de lentes coloridas, ou outro processo, e assim obtem um effeito deslumbrante, pois que, ao mesmo tempo, a artista vestida com uma larga e farta tunica de tecidos brilhantes em que se envolve,

* Drummond (Thomaz) era um engenheiro inglez, discipulo dos sabios Brande e Faraday. Estando elle encarregado d'uns trabalhos geodesicos pensou que a incandescencia da cal era muito melhor para tornar mais viva e forte a luz dos reflectores geodesicos collocados nas estações mais distantes. Foi este invento que lhe deu a grande reputação e triste é que morresse novo, pois que já applicara a sua luz aos pharoes, o que é importante. Dublin ergueu-lhe uma estatua.

«COLYSEU DOS RECREIOS»



Fig. 2 O helice.—Fig. 3 A espiral.

Fig. 4 e 5 As borboletas.

A DANÇA SERPENTINA POR MABELLE STUART

gira, volta-se, requebra se de modo tal que nos dá as diferentes figuras cujos nomes são: as borboletas, as serpentes, o açafate, a espiral, o helice, etc., etc. As nossas gravuras representam as seguintes phases: Fig. 1 a hespanhola, Fig. 2 o helice, Fig. 3 a espiral e Fig. 4 e 5 as borboletas. Chega a ser surpreendente, a irrisação de cores, a graciosidade das fôrmas, que ora é um leque immenso, ora se abre como uma cauda de pavão, etc., e tanto que a *dansa serpentina* se tornou uma dansa que se estenderá até aos salões,

por ser facil, e que nós damos esta breve noticia por nos parecer de algum interesse actual.

E. P.

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1\$200 réis.

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo = Lisboa

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»
Para 1894

Já entraram no prélo as primeiras folhas d'este almanach.

Recebem-se annuncios até 31 d'este mez, na
Empreza do OCCIDENTE

L. do Poço Novo—Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade
de artistica e litteraria.

Adolpho, Medesto & C.^ª, Imp. — R. Nova do Loureiro, 25 a 39